

LITERATURA & CRÍTICA

Neste número 23, a revista *Scripta alumni* propôs que os autores refletissem sobre o tema *Literatura & crítica*. Entretanto, antes de conhecermos os detalhes deste dossiê, é importante retomarmos nossa noção de crítica tradicional, para avaliarmos com mais propriedade as características e as funções da crítica, na sociedade atual.

Com a tecnologia que conhecemos hoje, a literatura ganhou um espaço que, sem dúvida, possibilita maior equilíbrio entre arte e cotidiano. O ciberespaço torna acessíveis alguns tipos de arte que antes eram para poucos, assim como facilita o acesso às expressões artísticas mais **populares**, como música, cinema e literatura. Trilhas sonoras, shows, clipes, filmes e livros são oferecidos aos internautas — e muitos deles são gratuitos. Além disso, a Internet ajuda a acentuar a dissolução das fronteiras que, hoje, impulsiona as relações interartísticas e promove a relativização da hierarquia que existia, antes, entre autor e leitor e também entre crítica e público.

No ciberespaço, a leitura, a autoria e a crítica são atividades mais democráticas, realçando a participação de profissionais amadores (leitores, e fãs, aspirantes a críticos ou a escritores). Evidentemente, essa mudança é bastante significativa e pode estabelecer resultados bastante distintos. Por um lado, a Internet pode garantir, em certa medida, um perfil mais especializado de receptor. Dessa forma, o espaço virtual passa a ser uma vitrine cobiçada não apenas por artistas e críticos de renome, mas também pelos internautas, que, em termos logísticos, têm igualdade de condições para expor ideias, lançar um livro ou publicar um texto. Segundo Fernando Ceylão: "A tecnologia permitiu que se concretizassem as profecias (...) de Coppola, (...) Andy Warhol e (...) George Orwell. Hoje, somos todos documentaristas de nós mesmos; fotógrafos, articulistas, personagens de *reality shows* e humoristas" (CEYLÃO, 2017, p. 90)¹. Em termos práticos, essa mudança pode ser exemplificada com a crescente publicação de resenhas e textos literários, por críticos e autores "não profissionais", em *sites* e *blogs* que privilegiam tanto a escrita quanto o formato videográfico. Tânia Porto enfatiza essa autonomia como decorrência da tecnologia e da comunicação global: "Uma relação interativa com os meios permite ao usuário assumir o papel de sujeito" (PORTO, 2016, p. 4)². Nesse sentido, o leitor/espectador assumiu o *status* de crítico. Sem dúvida, essa transformação gerou uma crise na crítica e nos veículos especializados e apresenta pontos positivos e negativos. Por um lado, isso representa uma conquista, garantindo o acesso público e irrestrito a todos os usuários da grande rede e estabelecendo um novo tipo de democratização, resultante não apenas da Internet, mas também do computador e do *smartphone* como hiper mídias.

¹ CEYLÃO, F. Piada em debate. *Helena*, n. 6, Curitiba, primavera de 2017, p. 88-99.

² PORTO, T. M. E. *As tecnologias de comunicação e informação na escola*. Relações possíveis... Relações construídas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf>. Acesso em: 24 set. 2016.



Entretanto, há uma desvantagem, que, apesar de ser ainda um tema bastante controvertido, precisa ser apontada: “A invasão do senso comum nas mídias (...) faz com que os valores que dão origem à obra de arte fiquem distorcidos. (...). Essa visão empobrecedora coloca a arte sob a dependência de fatores extra-artísticos, como os valores moral, histórico, civil, religioso daquilo que a obra representa (...)” (SILVA, 2020)³.

Diante desse contexto atual, de reconfiguração, vale destacar as palavras de Hans Gumbrecht, que anunciou o fim da crítica especializada, em um futuro próximo, argumentando que, em geral, a crítica artístico-literária acaba por afastar público e obra, em vez de aproximá-los (GUMBRECHT, 2019a)⁴. Essa fala do teórico alemão coincide com a percepção de Sousa Dias, para quem a função básica da crítica é: “Criar público. Promover o encontro possível entre a obra de arte e o(s) seu(s) público(s). Dar à obra o público que esta, de si, solicita, mas que, sem a mediação crítica, corre o risco de não encontrar” (DIAS, 2004)⁵.

Na verdade, atualmente, a função do crítico vai muito além da mediação entre a obra e seu público. Exigem-se também os critérios da diversidade e da interculturalidade:

Defendo a importância de um crítico que saiba transitar por fronteiras culturais e não seja necessariamente especialista em uma cultura nacional (...). Estou interessado no crítico de cultura e de arte não como especialista em uma linguagem, mas como quem cruza as fronteiras das linguagens. Não [um] mero escritor de resenhas, que descreve, informa o que viu, leu, escutou; mas aquele que dialoga, que tem gosto, opinião, que intervém, que faz apostas (...). (LOPES, 2010, p. 21)⁶

Sob esse aspecto, e retomando a repercussão que se faz hoje, da literatura em diversos *sites*, especialmente no *Youtube*, podemos considerar a crítica como exercício de alteridade e empatia, no qual o leitor vira crítico e às vezes até autor, estreitando os laços com o escritor da obra original e com a obra em si. Aliás, nesse contexto, as *fanfictions* representam um ciclo completo,

³ SILVA, E. R. da. *Nu desde o nada*: o perigo da nudez como possibilidade estética. Disponível em: <http://teorialiterariauniandrade.blogspot.com/2017/11/nu-desde-o-nada-o-perigo-da-nudez-como.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

⁴ GUMBRECHT, H. U. *Leitores não-profissionais de literatura e seus desafios*. Minicurso ministrado no XI Seminário de Pesquisa do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade, Curitiba, 20 set. 2019a. (Diversos apontamentos feitos aqui, sobre crítica, foram publicados posteriormente ao minicurso. Cf.: KOBBS, V. D. *Tertúlia literária com Hans Gumbrecht*: crítica, escrita e leitura no século XXI. Disponível em: <https://danielkobbsveronica.wixsite.com/interartes/post/tert%C3%BAlia-liter%C3%A1ria-com-hans-gumbrecht-cr%C3%ADtica-escrita-e-leitura-no-s%C3%A9culo-xxi>. Acesso em: 25 jun. 2020.)

⁵ DIAS, S. *Crítica e arte*: a função da crítica. Disponível em: www.ciberkiosk.pt/ARTES/sousadias.htm. Acesso em: 5 out. 2004.

⁶ LOPES, D. Notas sobre crítica a paisagens transculturais. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, n. 3, Campo Grande, 2010, p. 21-28.



pois, reescrevendo ou continuando um livro, um filme ou uma série, os leitores/autores também atuam como críticos. Transitando por uma via de mão dupla, os autores de *fanfiction* desempenham dupla função: de consumidores e de produtores. Esse perfil diferenciado corresponde ao que hoje chamamos *prosumer*, neologismo que faz uso dos termos *producer* (produtor) e *consumer* (consumidor). De fato, os leitores, hoje, não apenas escrevem textos literários (que depois são criticados por outros internautas). Eles também publicam suas críticas (resenhas escritas ou em formato de áudio), que, por sua vez, depois podem (ou não) receber as curtidas de seus seguidores.

Outra questão associada à crítica diz respeito à dicotomia produção/reprodução, que traz à tona a discussão acerca dos prejuízos e benefícios de se usar a teoria literária para dar respaldo ao texto analítico. O escritor italiano Italo Calvino faz referência a esse assunto na *Introdução* da obra *Por que ler os clássicos?* Em meio a essa reflexão, o autor italiano afirma que devemos fazer críticas sem modelos, desencorajando a pesquisa prévia, feita apenas com a finalidade de escrever o texto crítico:

Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. (CALVINO, 1993, p. 12)⁷

Sem dúvida, o conselho de Italo Calvino ajuda a evitar o risco da reprodução de ideias de modo (in)consciente e sistemático, até porque essa consulta que alguns procuram fazer, antes de produzir algo próprio, pode sinalizar insegurança e, em certo sentido, revela aquele velho complexo de colônia, que mantém seus adeptos na zona de conforto da reprodução (e não da criação). Podemos complementar isso, retomando a referência que Ligia Chiappini faz a uma reflexão feita pelo professor Antonio Candido. Ela conta que Candido, em palestra comemorativa dos quarenta anos de teoria literária, considerou um erro o fato de ele ter dado mais importância à pós-graduação do que à graduação (CHIAPPINI; FLEISCHMANN, 2003, p. 168)⁸, como se tivesse negligenciado inconscientemente uma etapa importante na formação dos alunos, na qual a crítica e a pesquisa são treinadas, para se desenvolverem depois, nos níveis que competem à pós-graduação.

Esse ressentimento do mestre Antonio Candido não deixa de ter fundamento, se retomarmos a taxonomia de Bloom, publicada em 1956. A proposta relaciona alguns verbos às competências dos alunos, resultando em uma escala de desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, foram estabelecidos

⁷ CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁸ CHIAPPINI, L.; FLEISCHMANN, U. Entrevista com Alfredo Bosi. *Iberoamericana*, v. III, n. 10, [s/l], 2003, p. 155-170.



seis níveis, em ordem progressiva: 1) conhecimento; 2) compreensão; 3) aplicação; 4) análise; 5) síntese; e 6) avaliação (BLOOM, 1956)⁹. Conforme Bloom, quando privilegiamos a aplicação, ainda nos mantemos presos à base (se usarmos a pirâmide como modo figurativo de interpretar essa escala). Portanto, **aplicar** significa apenas **reproduzir**, como uma espécie de tentativa de comprovar a compreensão, obtida no nível 2 da cognição. É preciso ir além e tentar oscilar entre os níveis 4 e 6, como modo de problematizar a posição superior da síntese, afinal, a síntese, tal como a aplicação, apenas duplica o pensamento, sem possibilitar que o autor do resumo possa ir além do modelo dado pelo texto original.

Aliás, aproveitando o contexto do ensino, cumpre salientar que, de acordo com Gumbrecht, a matéria que conhecemos como Metodologia de Ensino **da** Literatura deveria se chamar Metodologia de Ensino **com** Literatura (GUMBRECHT, 2019b)¹⁰. De fato. E isso, de certa forma, já ocorre. A título de exemplo, podemos citar conferências recentes, que trataram do tema *A literatura contra o ódio*¹¹. Sabemos que o realce ao aspecto social das artes não é algo novo. Entretanto, é salutar que isso seja retomado, de tempos em tempos, para combater algumas questões urgentes, que se refletem no comportamento e nas relações interpessoais. Conforme Antonio Candido:

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

(...) a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 2019)¹²

Sendo assim, levando em conta a postura crítica da própria literatura e a função da crítica, de aproximar obras e leitores, muitos autores afirmam a permanência (e não o fim) da crítica: "Longe de podermos dizer que a crítica literária está prestes a desaparecer, temos de considerar como as novas circunstâncias vêm alterando suas manifestações. E as mudanças (...) apontam (...) para sua proliferação ilimitada em novos meios, com novas configurações e possibilidades" (JOBIM, 2012, p. 155)¹³. Jobim, acertadamente, menciona a adaptação como necessária, em função do surgimento de algumas mídias e da ênfase dada àquelas que já existiam. No entanto, em termos de conteúdo,

⁹ BLOOM, B. S. et al. *Taxonomy of educational objectives*, v. 1. New York: David McKay, 1956.

¹⁰ GUMBRECHT, H. U. [Sem título]. Reunião do Grupo de Pesquisa em Teoria Literária e Crítica Cultural (do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade) com Hans Ulrich Gumbrecht, Curitiba, 20 set. 2019b.

¹¹ Há alguns anos, a PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) vem promovendo palestras que têm como tema *A literatura contra o ódio*. Em 13 de abril de 2018, o autor convidado para falar sobre o assunto foi o moçambicano Mia Couto. Mais recentemente, em 24 de setembro de 2019, o orador foi o italiano Nuccio Ordine.

¹² CANDIDO, A. *Direitos humanos e literatura*. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp-content/uploads/2014/09/direitos-humanos-e-literatura-por-antonio-candido.pdf>. Acesso em: 9 out. 2019.

¹³ JOBIM, J. L. Crítica literária: questões e perspectivas. *Itinerários*, n. 35, Araraquara, 2012, p. 145-157.



podemos afirmar que o contexto atual também exige o exercício constante e ininterrupto da crítica, afinal, de acordo com Benedito Nunes, momentos de crise não devem ser encarados apenas como sinal de “catástrofe”. Crise é também “incerteza acerca do que fazer agora e do que virá depois” (NUNES, 2009, p. 66)¹⁴. Flora Süssekind reforça esse pensamento, ao pontuar que a crítica é necessária, principalmente quando “os tempos políticos se mostram outros, e uma homogeneização impositiva parece barrar as cisões necessárias à experiência crítica do próprio tempo, quando já não se constituem, com facilidade, margens articulatórias da resistência” (SÜSSEKIND, 2013, p. 303)¹⁵.

Ainda sobre o dilema da morte ou da permanência da crítica, deve ficar claro que, apesar da ideia de perenidade, não se deve afastar a necessidade de mudança. Sobre isso, Gumbrecht enfatiza que, “em geral, os humanistas não têm pensado o suficiente sobre as funções que seu trabalho pode e deve cumprir fora das universidades. Uma mudança de atitude parece urgente aqui”¹⁶ (GUMBRECHT, 2019c)¹⁷. Essa mudança de postura a que o autor se refere diz respeito ao protagonismo como reação à passividade. Com base em Humboldt, o crítico ressalta que “as pessoas, nas universidades, devem produzir novas perguntas e mais problemas”¹⁸ (GUMBRECHT, 2014, p. 123)¹⁹. Mais adiante, no mesmo texto, o teórico completa essa ideia, ao mencionar que o “pensamento de risco”²⁰ (GUMBRECHT, 2014, p. 126) é indispensável ao profissional da área de Humanas, pois só dessa forma podemos trabalhar “contra o esclerosamento das sociedades”²¹ (GUMBRECHT, 2014, p. 128).

A partir desses aspectos, constata-se que não é necessária apenas uma mudança de postura do profissional de Humanas. Mais do que isso: é fundamental que o contexto sociopolítico seja adequado, desenvolvendo-se em sintonia com essa significativa alteração e garantindo a liberdade de pensamento e de criação: “(...) o Estado não tem o direito de intervir em nenhum assunto intelectual”²² (GUMBRECHT, 2014, p. 124), já que, em regra: “(...) supõe-se que a universidade seja a instituição que o Estado promove, com o fim de que se produza um conhecimento surpreendente, com o fim de que surjam pontos de vista nunca antes produzidos, o que, por definição, não

¹⁴ NUNES, B. *A chave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁵ SÜSSEKIND, F. A crítica como papel de bala. In: CORDEIRO, R. et al. (Orgs.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia: Ateliê, 2013, p. 299-305.

¹⁶ No original: “(...), in general, humanists have not enough thought about the functions that their work can and should fulfill outside the universities. A change in attitude seems urgent here; (...)” (Todas as traduções feitas aqui são de responsabilidade da autora desta *Apresentação*.)

¹⁷ GUMBRECHT, H. U. [Sem título]. Comunicação via *e-mail* entre Hans Ulrich Gumbrecht e Verônica Daniel Kobs, no período de 14 a 30 out. 2019c.

¹⁸ No original: “La gente en la universidad debe producir nuevas preguntas y más problemas.”

¹⁹ GUMBRECHT, H. U. *¿Una universidad futura sin Humanidades? Inmediaciones de la comunicación*, v. 9, n. 9, Montevideo, 2014, p. 117-141.

²⁰ No original: “Mi respuesta es que la función específica que las humanidades podrían tener en la universidad sería lo que llamo pensamiento de riesgo.”

²¹ No original: “No estoy diciendo que las humanidades tengan que proponer en qué dirección deban ir las sociedades, sino que deben trabajar contra El esclerosamiento de las sociedades.”

²² No original: “(...) el Estado no tiene ningún derecho a intervenir en ninguna cuestión intelectual.”



ocorrerá se for permitido que o Estado intervenha”²³ (GUMBRECHT, 2014, p. 124).

Sim, criticar é agir, é assumir a função de sujeito social. Em outras palavras, a crítica deve resultar em “*experiências de ajuizamento* que ponham em teste simultaneamente os próprios contextos de atuação, os seus códigos e categorias operacionais, e que possam exercer interferência ativa e transformadora numa compreensão crítica do próprio presente” (SÜSSEKIND, 2014, p. 67)²⁴.

Portanto, neste dossiê, apresentamos os artigos que tratam de crítica e literatura, nesta que é a vigésima terceira edição da revista *Scripta alumni*. Os trabalhos dos autores²⁵ estão divididos em cinco seções: *Questões de (con)texto*; *Filosofia, política e literatura*; *Literatura, outras artes e outras mídias*; *Tempo e memória*; e *O sujeito em sociedade*. Na primeira seção, o artigo *Mary Shelley e a crítica da desobediência prometeica em “Frankenstein”* compara os textos da Antiguidade Clássica — de Hesíodo e Ésquilo — com a concepção dos românticos do séc. XIX, para, enfim, tratar da crítica da escritora londrina à idealização que ela enxergava, na retomada do mito de Prometeu. Já o trabalho intitulado “*Urupês*” e “*Marabá*”: *a figuração do Romantismo em Monteiro Lobato* resgata a questão da identidade nacional, discutindo-a por meio da obra lobatiana. Mais uma vez, os contextos e as ideologias se cruzam, abrindo espaço ao debate e à formação de novas perspectivas. O último artigo da seção, “*A caveira*” e “*Um esqueleto*”: *algumas considerações*, compara o conto português, escrito por Camilo Castelo Branco, ao brasileiro, de autoria de Machado de Assis. O objetivo da análise é discutir o cânone, apresentando dois primorosos exemplos de histórias de horror, tipo de literatura por vezes desconsiderado.

Em *Filosofia, política e literatura*, reunimos mais três trabalhos: um deles, sob o título *Morality and existentialism in Tim O’Brien’s “The things they carried” and Cormac McCarthy’s “No country for old men” according to principles by Jean-Paul Sartre*, relaciona o existencialismo aos personagens dos textos analisados, focalizando os temas da liberdade de escolha, autonomia e responsabilidade. A abordagem é feita em conformidade com a obra dos escritores literários, afinal, enquanto O’Brien destaca-se por tratar de introspecção e memória, McCarthy privilegia o tom filosófico, em detrimento do simples recorte psicológico, em suas frequentes discussões acerca da vida e da morte. O outro artigo, *Literatura, interculturalidade e alteridade no romance “Himmelfarb”, de Michael Krüger*, faz uso da antropologia para aprofundar o debate que diz respeito à diversidade, às etnias, às problematizações e aos

²³ No original: “(...) se supone que la universidad sea la institución que el Estado promueve con el fin de que se produzca conocimiento sorprendente, con el fin de que aparezcan puntos de vista que nadie más ha producido aún, lo que, por definición, no ocurrirá si se permite que el Estado intervenga.”

²⁴ SÜSSEKIND, F. Que eficácia pode ter: adaptabilidade e resistência? In: _____. PEDROSA, C; DIAS, T. (Org.). *Crítica e valor*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2014, p. 49-67.

²⁵ A partir desta edição, de n. 23, que corresponde ao primeiro semestre de 2020, a revista *Scripta alumni* deixou de informar o endereço eletrônico dos autores, em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados (Lei n. 13.709), aprovada em agosto de 2018 e com vigência a partir de agosto de 2020.



benefícios entre próprio e estrangeiro, assuntos que, em um sentido mais amplo, associam-se às interações humanas. Encerrando a seção, o estudo *A crítica literária em manuscritos de Angela Carter: considerações sobre "A câmara sangrenta" e outros contos* explora os aspectos documental e metaliterário, para oferecer novas perspectivas de análise sobre a obra da escritora inglesa. Nesse trabalho, a crítica soma-se à autorreferência e à autocrítica, com a finalidade de aprofundar questões essenciais ao estudo dos gêneros.

Na terceira parte de nosso dossiê — *Literatura, outras artes e outras mídias* — o primeiro artigo, denominado *A releitura do silêncio de Capitu*, analisa a minissérie televisiva dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a fim de problematizar e reavaliar o *status* da TV e a hierarquia entre as artes, que, geralmente, caracteriza a literatura como superior às mídias que a adaptam. Além disso, a partir da leitura do silêncio, a autora reavalia as posturas e as ações de Bento e Capitolina. Em *Música na literatura: como a música influencia "A visita cruel do tempo", de Jennifer Egan*, os autores releem o texto literário selecionado para análise e resgatam a crítica de Jørgen Bruhn. A discussão proposta enfatiza intermedialidade e tecnologia, demonstrando de que modo a música auxilia na reconfiguração da literatura, tanto em termos de conteúdo quanto de estrutura. O terceiro artigo dessa parte, intitulado *Do literário ao cinematográfico: a adaptação de "Todas as manhãs do mundo"*, parte do romance do autor francês Pascal Quignard para ir além do estudo da adaptação fílmica. Nesse processo, os autores também destacam a função da música na reconstrução dos sentidos do texto ficcional, ampliando a corrente midiática, para reconhecer o filme como produção híbrida e interartística.

Na penúltima seção, *Tempo e memória*, incluímos mais três trabalhos. *O discurso colonial na teia narrativa de "Memorial de Aires": memória, história e diáspora* analisa de que forma as lembranças da personagem machadiana reavaliam não apenas sua própria vida, mas também a história do Brasil, focalizando especificamente o episódio da abolição. A partir dessa comparação, o estudo demonstra que tanto o discurso histórico quanto o diário do Conselheiro Aires são construções, refletindo, portanto, subjetividade e parcialidade. No outro artigo, *Quando a memória "dispara": uma leitura de "Órfãos do Eldorado", de Milton Hatoum*, a autora associa memória e experiência, comparando a narrativa hatouniana ao romance francês *Em busca do tempo perdido* e ao conto brasileiro *A terceira margem do rio*. Já, no terceiro artigo da seção, intitulado *Eva sobre Evita: o papel de historiadora e escritora crítica em "A costa dos murmúrios"*, a personagem criada por Lídia Jorge é analisada, de modo a privilegiar a interseção da literatura com a história. Em meio a esse processo, ganha destaque a (auto)crítica, que relativiza e questiona o passado.

A parte que fecha este dossiê é *O sujeito em sociedade*, na qual é apresentado mais um trio de artigos. *A subjetividade do excluído como terra de ninguém para a ciência moderna* trabalha com um conto de Sérgio Sant'Anna, a fim de discutir o valor humano da subjetividade, argumentando que a pobreza torna as pessoas objetos, e não sujeitos da crítica. O segundo estudo, *As*



relações de poder existentes em "Nação crioula", de Agualusa, problematiza as relações de poder, a partir das ideias sustentadas por Michel Foucault e Pierre Bourdieu, e com base em dois exemplos: a personagem Prudêncio, de Machado de Assis; e os grupos sociais de Luanda. Encerrando a seção e o dossiê, *Francisco Alvim: poesia e alteridade seletiva* abrange as relações sociais, utilizando, principalmente, os postulados de Antonio Candido. Além disso, no sentido estrito, os autores discutem a respeito do uso da poesia como elo, entre o *ego* e o *alter*.

Neste momento, encerramos esta *Apresentação* fazendo um elogio, à literatura e à crítica, por meio desta reflexão, de Vargas Llosa:

(...) é preciso repetir sem trégua, até que as novas gerações se convençam do seguinte: a ficção é mais do que entretenimento, mais do que um exercício intelectual, que aguça a sensibilidade e desperta o espírito crítico. É uma necessidade imprescindível para que a civilização continue existindo, renovando-se e preservando em nós o melhor da humanidade. Para que não retrocedamos à barbárie da falta de comunicação e a vida não se reduza ao pragmatismo dos especialistas, que veem as coisas em profundidade, mas ignoram o que as rodeia, o que as precede e o que lhes dá continuidade.²⁶ (LLOSA, 2015)²⁷

Desejo a todas e a todos uma boa leitura e muitas inferências, a partir dos artigos que reunimos neste dossiê.

Verônica Daniel Kobs

Editora

²⁶ No original: "(...) hay que repetirlo sin tregua hasta convencer de ello a las nuevas generaciones: la ficción es más que un entretenimiento, más que un ejercicio intelectual que aguza la sensibilidad y despierta el espíritu crítico. Es una necesidad imprescindible para que la civilización siga existiendo, renovándose y conservando en nosotros lo mejor de lo humano. Para que no retrocedamos a la barbarie de la incomunicación y la vida no se reduzca al pragmatismo de los especialistas que ven las cosas en profundidad pero ignoran lo que las rodea, precede y continúa."

²⁷ LLOSA, M. V. *Elogio de la lectura y la ficción*. Disponível em: http://elpais.com/diario/2010/12/08/cultura/1291762802_850215.html. Acesso em: 23 jun. 2015.

